



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
*Saberes e práticas científicas*

ISBN 978-85-65957-03-8

## “Janeleiras” e “faladoras”: o quotidiano das mulheres no recolhimento de Santo António de Braga (séculos XVII e XVIII)

Maria Marta Lobo de Araújo\*

Carla Manuela Sousa Machado\*\*

### Introdução

Ancorado na vaga de moralidade feminina que se abateu sobre a Europa ocidental com o Concílio de Trento (ARAÚJO, 2000: 28-34), o recolhimento de Santo António conheceu o seu início na década de setenta do século XVI, assumindo-se como uma instituição de grande relevo na promoção da mulher virtuosa e na proteção da honra feminina em Braga, selecionando e isolando, temporária e vitaliciamente, mulheres leigas de vários estados civis, mas que partilhavam entre si os valores da honra e de uma conduta virtuosa. Esta beatério caracterizou-se, desta forma, pelo acolhimento de mulheres solteiras, casadas e viúvas, a maioria delas interessadas em passar o resto das suas vidas ao abrigo das suas paredes (MACHADO, 2014: 74-76).

Fundado no Campo da Vinha, em Braga, pelo clérigo Domingos Peres, foi entregue à administração da Misericórdia de Braga em 1608, após a sua morte, permanecendo sob a sua alçada até ao início do século XX, altura em que foi extinto<sup>1</sup>. Era assim da competência dos homens da irmandade o controlo e a supervisão do quotidiano das mulheres recolhidas, de forma a garantirem que viviam de acordo com as normas estipuladas pelo instituidor e em consonância com os parâmetros morais admitidos pela sociedade da época. Todas as ações, gestos e palavras eram alvo de rígido controlo, e os desvios deviam ser coartados e punidos, de forma a não serem repetidos.

O recolhimento de Santo António destinava-se a acolher seis mulheres, honestas e devotas, “a que chama[vam] beatas”<sup>2</sup>, embora as fontes nos deem conta da subida do seu

---

\*Departamento de História, Universidade do Minho, Portugal. Investigadora no CITCEM.

\*\*Investigadora no CITCEM.

<sup>1</sup> Arquivo Distrital de Braga (doravante ADB), Fundo da Misericórdia de Braga, *Livro do traslado dos próprios papeis destas Casas, e mais propriedades tocantes à administração de Domingos Peres*, 1594, n.º 472, documento n.º 1, fl. 1.

<sup>2</sup> Como podemos ler na instituição, as mulheres deviam ser “de boa vida, fama e costumes”, sem nota de “infâmia”, comprovada virtude e honestidade. Deviam ser cristãs-velhas, ter entre 25 e 40 anos e podiam ser viúvas, preferindo-se sempre as da cidade de Braga ou do seu termo. ADB, Fundo da Misericórdia de Braga, *Livro do traslado dos próprios papeis destas Casas, e mais propriedades tocantes à administração de Domingos Peres*, 1594, n.º 472, fl. 2.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
Saberes e práticas científicas

ISBN 978-85-65957-03-8

número ao longo do século XVIII, quando passou a acolher recolhidas supranumerárias, que ao contrário das primeiras, as únicas detentoras de um vínculo oficial à instituição, tinham a seu cargo todas as despesas com a sua estadia.

## O quotidiano do recolhimento

Apesar da existência de um governo próprio, dentro de portas, exercido por um grupo de mulheres hierarquicamente organizadas, cabia à Misericórdia a administração do património da instituição, de forma a assegurar o sustento da comunidade, bem como a observância das normas subjacentes à vida em clausura. Como tal, era da sua incumbência a realização de visitas periódicas ao recolhimento, a fim de averiguar do seu correto funcionamento<sup>3</sup>. Era seu dever zelar pela salvação das mulheres recolhidas, mantendo-as livres “das ocazioins do Mundo”, que de acordo com o pensamento da época, “precipita[vam] as almas nos infernos”<sup>4</sup>.

Temos conhecimento destas visitas e do quotidiano da casa através dos Livros de Visitas/Devassas e dos Livros de Atas da instituição. Através da sua análise, verificamos que o *dever-ser* e o *dever-fazer* estipulado pelos estatutos nem sempre se refletiam na prática diária destas mulheres, bem pelo contrário.

O facto de no recolhimento de Santo António não se observar uma clausura absoluta, permitia às “beatas” saírem do estabelecimento quando necessitassem, mas sempre com autorização superior<sup>5</sup>. Apesar de os estatutos proibirem<sup>5</sup> que estas se “dilatassem” ou detivessem com alguém na rua, estes momentos foram aproveitados pelas internas para sociabilizar com elementos exteriores à comunidade. Isabel Baptista, quando saía com as companheiras, apartava-se delas para falar “com algumas pesosas”<sup>6</sup>. Aliás, esta recolhida era também acusada de passar muito tempo a conversar com Ângela de Lima, mulher solteira, também moradora no Campo da Vinha, que ia ao recolhimento ter com ela e Maria dos

<sup>3</sup> Eram duas visitas anuais: uma pela Páscoa e outra pelo Natal. ADB, Fundo da Misericórdia de Braga, *Livro do treslado dos próprios...*, n.º 472, documento n.º 3, fls. 12v.-13.

<sup>4</sup> ADB, Fundo da Misericórdia de Braga *Livro das devações*, 1714-1800, n.º 707, fl. 111v.

<sup>5</sup> O instituidor, Domingos Peres, determinou a obrigatoriedade das beatas assistirem à celebração de uma missa todas as segundas, quartas e sextas-feiras à hora da prima, bem como ao responso que se diria sobre a sua sepultura, devendo rezar em ambas, cinco vezes um Padre-Nosso e Ave-Maria. ADB, Fundo da Misericórdia de Braga, *Livro do treslado dos próprios papeis destas Casas, e mais propriedades tocantes à administração de Domingos Peres*, 1594, n.º 472, documento n.º 1, fl. 3v.

<sup>6</sup> Esta acusação foi feita em 1644, aquando da visita anual. ADB, Fundo da Misericórdia de Braga, *Livro das visitasoins do Ospital e Beatas e da Casa e Termo dela*, 1639-1684, n.º 706, fl. 14v.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
*Saberes e práticas científicas*

ISBN 978-85-65957-03-8

Santos, falando em voz de “segredo”. Estas ocasiões eram ainda propícias à troca de correspondência e ao estreitamento de relações que já se vinham a desenvolver por carta<sup>7</sup>.

Encontrando-se o recolhimento virado para o Campo dos Touros, local privilegiado para a realização de uma grande diversidade de espetáculos (MILHEIRO, 2003: 307, 308 e 451), sobretudo os de touros (MILHEIRO, 2003: 308), era normal que nos períodos de festa atraísse um grande número de pessoas. Nos dias de tourada, as recolhidas assistiam a estas manifestações, que decorriam na praça onde moravam.

Nestas ocasiões, como percebemos pelos relatos dos interrogatórios, apareciam homens no muro do jardim do recolhimento para ver os touros, facto que era aproveitado por algumas internas para se colocarem na varanda, de forma a serem vistas, como fez Joana da Assunção em 1656, que além de se dar a ver, ainda se ria para os homens. Neste ano, foi também acusada de colocar uma escada no muro, para falar com quem estava do outro lado, sendo já horas tardias, em mangas de camisa, com corais nos braços “arregaçados” e com uma faixa vermelha apertada<sup>8</sup>.

De facto, os períodos mais festivos não eram alheios a estas instituições e às suas habitantes. A par das festas de carácter mais religioso, vividas intensamente por meio de pregações, missas, sermões, rezas e procissões, havia momentos de folia, como as touradas, os jogos, os cortejos, as comédias, onde o povo se divertia e esquecia um pouco as agruras da vida e do trabalho diário (MILHEIRO, 2003: 67-73).

Por outro lado, a estrutura arquitetónica dos recolhimentos era pensada de maneira a que as suas internas pudessem ver, mas não ser vistas (FONSECA, 2013: 75). As janelas constituíam, desta forma, um local de visualização excepcional para estas mulheres. Não é de admirar, por isso, que fossem frequentes as tentativas de “ver o mundo” a partir destes ângulos privilegiados (ALGRANTI, 1993: 230). Muitas vezes, “davam-se” deliberadamente a

---

<sup>7</sup> Uma das questões presentes nos interrogatórios feitos aquando das visitas, e estabelecido no Compromisso de 1628, era respeitante à troca de correspondência ilícita: “A segunda, se há comercio de cartas com pessoas de fora de maneira que se possa ter algum género de suspeita”. ADB, Fundo da Misericórdia de Braga, *Compromisso da Misericórdia de Braga*, 1628-1630, n.º 2, fl. 34.

<sup>8</sup> Joana da Assunção acabou mesmo por ser castigada pela Mesa, que a mandou recolher à “casa do tronco”(espécie de prisão ou cadeia (SILVA, 1789: 495, t. II) durante oito dias, durante os quais apenas se alimentaria de pão e água (visita de 1656). ADB, Fundo da Misericórdia de Braga, *Livro das visitasoins do Ospital e Beatas e da Casa e Termo dela*, 1639-1684, n.º 706, sem numeração.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
Saberes e práticas científicas

ISBN 978-85-65957-03-8

ver, a horas que em nada se coadunavam com o seu estado<sup>9</sup>. A presença nestes locais, sem licença e a horas desaconselhadas, constituíam situações suscetíveis de atrair a atenção da vizinhança e de lançar o rumor, sobretudo quando mulheres que se queriam recatadas e silenciosas se colocavam à janela a falar com quem passava ou a chamar outras mulheres, de vida e “costumes” desconhecidos, ou a falar com muitos homens, como faziam Maria de São Francisco e Joana de Assunção, acusadas pelas companheiras em 1656<sup>10</sup>, de “janeleiras”.

Em contraste com o ambiente de silêncio, obediência, oração e trabalho, períodos do dia propícios à reflexão e à meditação, em que as palavras, os risos e as gargalhadas deviam ser evitados, encontramos um ambiente mais efusivo e eufórico, predominante já depois dos trabalhos e orações feitas, ou seja, à noite. Algumas internas juntavam-se ao fim do dia, numa das celas, a conversar e a murmurar das “vidas alheias”, motivando a contestação das suas companheiras, incomodadas pelo barulho que estas faziam já depois da meia-noite e pela ausência de hora certa para se recolherem<sup>11</sup>. Numa comunidade que devia estar voltada para Deus, as conversas mundanas não deviam ter lugar (SOARES 2006: 93).

De facto, o silêncio, que constituía uma das maiores virtudes (ARAÚJO, 2012: 89), nem sempre era guardado. Em 1684, Maria de Jesus inquietava de tal forma as suas companheiras que não as deixava ouvir a “palavra de Deus” na igreja, nem rezar no oratório do recolhimento, por estar junto dele a trabalhar “na sua costura”<sup>12</sup>.

Além de “faladoras”, estas mulheres também se mostravam, não raras vezes, “janeleiras”, como já salientamos. Em 1668<sup>13</sup> Ana de São Francisco e Domingas da Conceição eram acusadas pelas companheiras de irem às janelas sempre que lhes aprouvesse, “sem batilha” e descomposta, manifestando desejo em que as portas estivessem sempre abertas.

A entrada de mais habitantes para a instituição, decorrentes do aumento do número de “beatas” admitidas e da entrada de recolhidas supranumerárias que se verificou no século

---

<sup>9</sup> Em 1643, a regente Ana de Jesus, acusou Isabel Baptista de abrir a janela do seu aposento às 10 horas da noite, sem licença. ADB, Fundo da Misericórdia de Braga, *Livro das visitasoins do Ospital e Beatas e da Casa e Termo dela*, 1639-1684, n.º 706, fl. 11.

<sup>10</sup> Visita de 6 de abril de 1656. Foi ainda castigada ao tronco, onde ficaria oito dias a pão e água. Castigar com o tronco era a penalização que antecedia a expulsão. Era usada como forma de prevaricadoras invertermem os seus comportamentos (LOPES, 2005: 211).

<sup>11</sup> ADB, Fundo da Misericórdia de Braga, *Livro das devações*, 1714-1800, n.º 707, fl. 48.

<sup>12</sup> ADB, Fundo da Misericórdia de Braga, *Livro das visitasoins do Ospital e Beatas...*, n.º 706, não paginado.

<sup>13</sup> ADB, Fundo da Misericórdia de Braga, *Livro das visitasoins do Ospital e Beatas...*, n.º 706, não paginado.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
*Saberes e práticas científicas*

ISBN 978-85-65957-03-8

XVIII, à semelhança de outras instituições congêneres (ARAÚJO 2012: 90), também estava na origem de maior agitação, conflitos e desvio das normas, uma vez que às internas sem vínculo à instituição, era permitida uma maior flexibilidade no cumprimento das determinações estatutárias. D. Catarina Luísa, recolhida supranumerária, tinha conversas escandalosas com “mulherinhas” de fora da casa e com homens<sup>14</sup>, comportamento grandemente censurável, pois o recolhimento foi instituído para “aquela que fugindo do mundo se entregue toda a Deus”<sup>15</sup>.

### **Considerações finais**

A análise do quotidiano do recolhimento nos séculos XVII e XVIII permitiu-nos perceber um ambiente pautado por transgressões e fugas à norma, sobretudo as que se relacionavam com o contacto com o exterior, que se manifestava e efetivava a partir de diversos meios. Colocando-se à janela, na tentativa de verem, e talvez de serem vistas, deslocando-se à porta sem autorização, sabendo que se a requeressem não a obteriam, recebendo visitas desrespeitando as regras da distância, mantendo correspondência secreta, sem a fazerem passar pelo crivo da superiora. Várias eram de facto as tentativas de ultrapassarem os muros “virtuais” e reais.

Mulheres que se queriam silenciosas e sisudas, numa busca constante pelo aperfeiçoamento espiritual e interior, através da oração, da reflexão e do trabalho, acabavam por se revelar mulheres faladoras, que riam e murmuravam no quarto até horas tardias. Ao longo dos séculos XVII e XVIII e mau grado as tentativas de materializar uma vivência que era mais ideal e aparente do que real, constatamos que a prédica dos regulamentos nem sempre se refletia nas práticas quotidianas.

A Santa Casa tentava a custo corrigir estas perturbações, de forma cuidadosa, para que não se tornasse do conhecimento público. No século XVIII, foram vários os recolhimentos que conheceram situações de desacato à autoridade, por parte das suas internas (ARAÚJO, 2012: 97).

As visitas e as devassas que delas decorriam deixam transparecer todo o ambiente que se vivia “intra-muros” e que os estatutos não nos permitem vislumbrar. As discórdias, as

---

<sup>14</sup> ADB, Fundo da Misericórdia de Braga, *Livro das devações*, 1714-1800, n.º 707, fl. 109v.

<sup>15</sup> ADB, Fundo da Misericórdia de Braga, *Estatuto de Santo António das Biatas do Campo da Vinha*, 1746-1747, n.º 718, não paginado.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
*Saberes e práticas científicas*

ISBN 978-85-65957-03-8

amizades, os conflitos, a profusão de sentimentos, que mulheres a viver em comunidade sentiam. Nem sempre era fácil afastar-se da vida que levavam no século, sobretudo para as que entravam obrigadas, e abraçar a austeridade nas vestes, na alimentação, nos dizeres e nas ações.

Apesar de o *ser* e o *fazer* nem sempre corresponderem ao *dever-ser* e ao *dever-fazer*, verificamos casos de mulheres companheiras e unidas, que criavam laços de amizade e afeto, mulheres que pelo tempo que permaneciam na instituição, eram “obrigadas” a adaptarem-se às restantes personalidades. Mas também mulheres interessadas na busca de Deus, do recolhimento e da quietude que se queria em instituições deste género.

## Fontes e bibliografia

### Fontes Manuscritas

#### Arquivo Distrital de Braga (ADB)

Fundo da Misericórdia, *Compromisso da Misericórdia de Braga*, 1628-1630, nº 2.

*Livro dos Termos*, 1598-1632, nº 4.

*Livro dos Termos*, 1632-1645, nº 5.

*Livro dos Termos*, 1645-1653, nº 6.

*Livro dos Termos*, 1653-1661, nº 7.

*Livro dos Termos*, 1662-1678, nº 8.

*Livro dos Termos*, 1678-1694, nº 9.

*Livro dos Termos*, 1694-1709, nº 10.

*Livro dos Termos*, 1709-1723, nº 11.

*Livro dos Termos*, 1723-1734, nº 12.

*Livro dos Termos*, 1734-1746, nº 13.

*Livro dos Termos*, 1746-1751, nº 14.

*Livro dos Termos*, 1751-1757, nº 15.

*Livro dos Termos*, 1757-1769, nº 16.

*Livro dos Termos*, 1769-1776, nº 17.

*Livro dos Termos*, 1776-1780, nº 18.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
*Saberes e práticas científicas*

ISBN 978-85-65957-03-8

*Livro dos Termos, 1780-1787, n.º 19.*

*Livro dos Termos, 1789-1791, n.º 20.*

*Livro dos Termos, 1791-1799, n.º 21.*

*Livro dos Termos, 1799-1806, n.º 22.*

*Livro do traslado dos proprios papeis destas Casas, e mais propriedades tocantes à administração de Domingos Peres, 1594, n.º 472.*

*Proprios Títulos do Padre Domingos Peres, Abade de S. João Baptista intitulado das Beatas de S.to António do Campo da Vinha que deixou à Misericórdia várias propriedades pela referenda instituição, 1594, n.º 473.*

*Livro das visitasoins do Ospital e Beatas e da Casa e Termo dela, 1639-1684, n.º 706.*

*Livro das devações, 1714-1800, n.º 707.*

*Estatuto de Santo António das Biatas do Campo da Vinha, 1746-1747, n.º 718.*

## **Dicionários**

SILVA, António de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, (Volume 2: L - Z). Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

## **Bibliografia**

ALGRANTI, Leila Mezan. À sombra dos círios: o cotidiano das mulheres reclusas no Brasil Colonial. In: *O Rosto Feminino na Expansão Portuguesa – Congresso Internacional, Actas II*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1995. p. 477-490.

ALGRANTI, Leila Meza. Conventos e recolhimentos em Portugal e na América portuguesas: um estudo comparativo sobre as instituições de reclusão feminina (séculos XVII e XVIII). In: COVA, Anne; RAMOS, Natália; JOAQUIM, Teresa (Org.). *Desafios da Comparação: Família, Mulheres e Género em Portugal e no Brasil*. Oeiras: Celta Editora, 2004. p. 65-88.



Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
Saberes e práticas científicas

ISBN 978-85-65957-03-8

- ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. *Pobres, honradas e virtuosas: os dotes de D. Francisco e a Misericórdia de Ponte de Lima (1680-1859)*. Barcelos: Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima, 2000.
- ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. Os recolhimentos femininos de Braga na Época Moderna. In: ABREU, Laurinda (Ed.). *Asistencia y caridad como estrategias de intervención social: iglesia, estado y comunidad (s. XV-XX)*. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2007. p. 293-314.
- ARAÚJO, Marta Lobo de. As Manifestações de rua das Misericórdias portuguesas em contexto barroco. *Hispania Sacra*, n.º 62, p. 93-113, 2010.
- ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. Mulheres, honra e clausura em Portugal (século XVIII). In: RUBIOPÉREZ, Laureano M. (Coord). *Instituciones y centros de reclusión colectiva. Formas y claves de una respuesta social (s. XVI-XX)*. Léon: Universidad de Léon, 2012. p. 77-98.
- CAPELA, José Viriato; ARAÚJO, Marta Lobo de. *A Santa Casa da Misericórdia de Braga. 1513-2013*. Braga: Santa Casa da Misericórdia de Braga, 2013.
- CASTRO, Maria de Fátima. O Recolhimento das Beatas de Santo António do Campo da Vinha. *Bracara Augusta*, vol. XLVI, p. 169-249, 1995-1996.
- FONSECA, Maria Adília Bento Fernandes da. *O Recolhimento de Santo António do Sacramento de Torre de Moncorvo (1661-1814). Clausura e destinos femininos*. 2013. Dissertação (Doutoramento em História) – Departamento de História, Universidade do Minho, Braga.
- GANDELMAN, Luciana Mendes. *Entre a cura das almas e o remédio das vidas: o recolhimento das órfãs da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e a caridade para com as mulheres (ca. 1739-1830)*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- MILHEIRO, Maria Manuela de Campos. *Braga. A Cidade e a Festa no século XVIII*. Guimarães: Núcleo de Estudos de População e Sociedade, Universidade do Minho, 2003.
- JESUS, Elisabete Maria Soares de. *Poder, caridade e honra: o Recolhimento do Anjo do Porto (1672-1800)*. 2006. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Estudos Locais e Regionais) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto.





Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio:  
*Saberes e práticas científicas*

ISBN 978-85-65957-03-8

- LIBERATO, Marco.Trento, a Mulher e Controlo Social: o Recolhimento de S. Maços. In ABREU, Laurinda (Ed). *Igreja, Caridade e assistência na Península Ibérica (sécs. XVI-XVIII)*. Lisboa: Edições Colibri e CIDEHUS-EU, 2004, p. 275-289.
- LOPES, Maria Antónia.Repressão de comportamentos femininos numa comunidade de mulheres - uma luta perdida no Recolhimento da Misericórdia de Coimbra (1702-1743). *Revista Portuguesa de História*, tomo XXXVII, p. 189-229, 2005.
- LOPES, Maria Antónia.Do outro lado da festa: a inflexível piedade barroca num recolhimento de Coimbra (O Recolhimento do Paço do Conde durante o século XVIII). In:*Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Íbero-Americano*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, CR-ROM, 2008, p. 1062-1074.
- MACHADO, Manuela. *Entre a clausura e o século: O recolhimento de Santo António do Campo da Vinha sob a administração da Misericórdia de Braga (séculos XVII-XVIII)*. 1014. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade do Minho, Braga.
- MAGALHÃES, António. “Pouco importa ter sangue nobre e ser de procedimento vil”: mulheres em conflito no Recolhimento de S. Tiago (século XVIII). *Estudos Regionais*, II Série, n.º 6, p. 133-154, 2012.
- SILVA, Ricardo.*Casar com Deus: vivências religiosas e espirituais femininas na Braga Moderna*. 2011. Dissertação(Doutoramento em História) – Departamento de História, Universidade do Minho, Braga.
- TAVARES, Pedro Vilas Boas.Instituição e vicissitudes de um beatério quinhentista: as Beatas do Campo da Vinha (Braga). Notas e rotas de investigação. *Via Spiritus*, n.º5, p. 107-132, 1998.